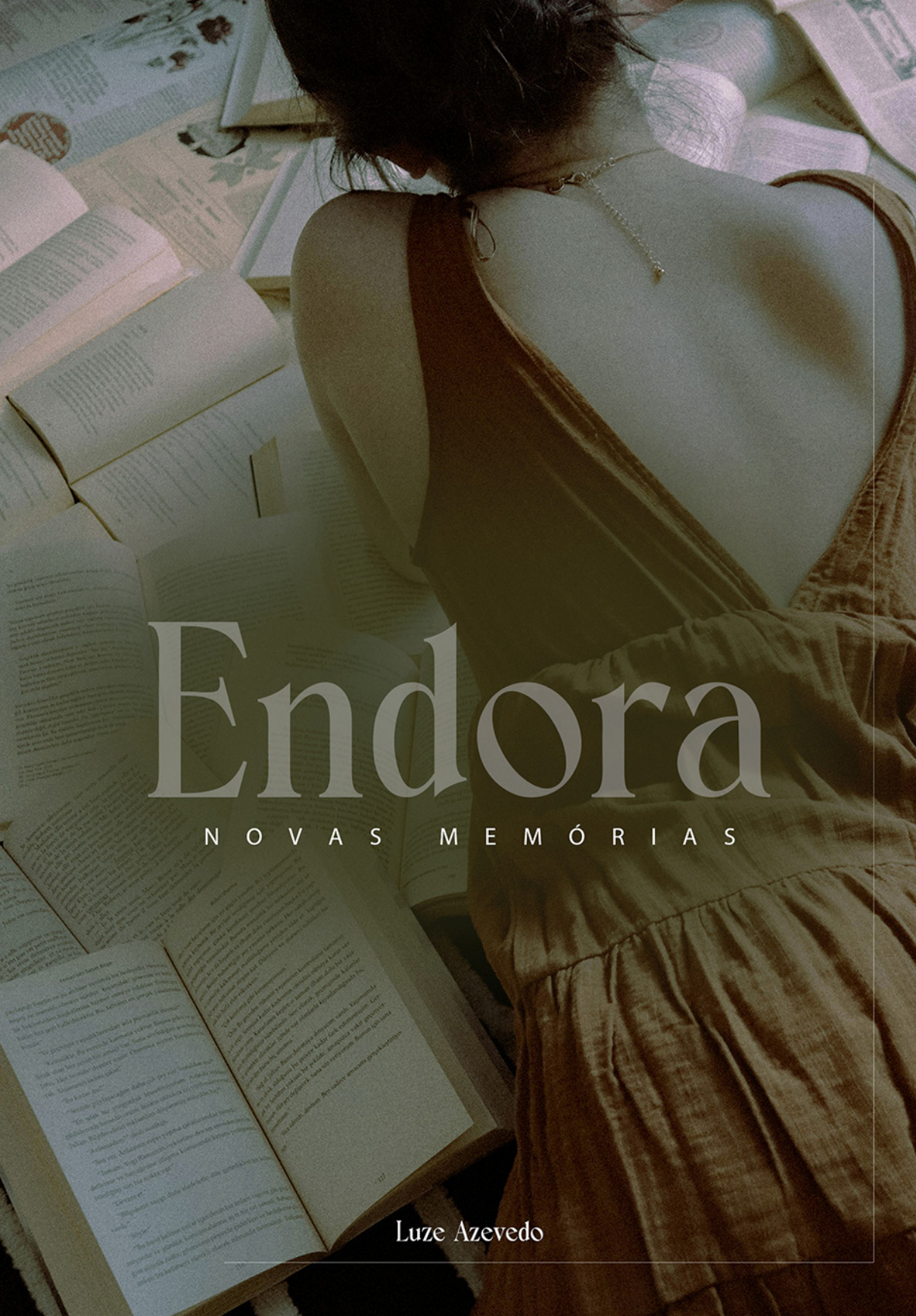


A woman with dark hair, seen from behind, is lying on a bed of open books. She is wearing a brown, low-cut, long-sleeved dress and a thin gold chain necklace. The scene is bathed in a warm, golden light, creating a nostalgic and intimate atmosphere. The books are scattered around her, with some open to various pages of text.

Endora

N O V A S M E M Ó R I A S

Luze Azevedo

SUMÁRIO

Reprodução da capa de 1994.....	10
---------------------------------	----

Não É Um Guia	13
---------------------	----

Este livro não pretende ser um guia prático, nem
conduzir você, leitor, a lugar algum.

Amo Amar Você – Amor!	21
-----------------------------	----

Esta é a frase que eu escutei durante a minha
infância, e escuto ainda nos dias de hoje.

De Onde Vem A Fé	23
------------------------	----

O diploma do curso primário ainda estava fresco
em suas mãos, mas o sonho de continuar...

O Passado No Passado	33
----------------------------	----

Sou o coronel Arnaldo Garcia, senhor de quarenta mil
alqueires que se estendem de Presidente Prudente a Lins!

Criança Minha, Que Saudade!	53
-----------------------------------	----

Penso em você a cada instante em que o tempo me permite parar e pensar.

Véspera de Natal.....	63
-----------------------	----

Separar Rosival de tudo que ela simbolizava era
como arrancar suas asas, deixando-o preso...

Cafelândia	87
------------------	----

Rosival abriu o canivete com destreza, descascando
a laranja em movimentos precisos.

A Partilha	97
------------------	----

O tronco, imenso e pesado, era arrastado para a beira do eito no carretão.

Meu Amigo Leonel.....	109
-----------------------	-----

Diga o que pensa com esperança no coração.
Pense no que faz com a força da fé.

Ele Disse Sim	121
---------------------	-----

Em qualquer roda onde houvesse mais de um
homem a beber, o assunto não era outro...

Nascimento.....	129
-----------------	-----

Na boleia da carrocinha, ele estimulou o burrico,
fazendo com os lábios um barulho como...

Desculpa!.....	147
----------------	-----

Terminou, finalmente, a colheita. O último carro
de café foi carregado, levado e beneficiado.

A Sede de Vencer!	163
-------------------------	-----

A parteira aproximou-se do fogão e serviu-se de
uma caneca de café, buscando as palavras...

Os Grandes Amores	181
-------------------------	-----

Ao pôr do sol, o João-de-barro entoava sua sinfonia,
pousado no galho do abacateiro onde fizera seu ninho.

Segunda Parte	187
---------------------	-----

O aroma agradável do creme de barbear vinha
do banheiro e se espalhava pelo ar.

Eu e a Verneck	189
----------------------	-----

...vovô surgiu na escada dos fundos, montado em um
cavalo branco, imponente como um cavaleiro...

Quem Sou Eu?	197
--------------------	-----

No interior marcado pelo tempo e pelas tradições, uma
festa de São Pedro reúne familiares e amigos...

Às Escondidas	199
---------------------	-----

E Sob o véu dourado das plantações de café, onde o sol
beijava a terra como um amante impaciente...

É Preciso Decidir	207
-------------------------	-----

Depois de uma vida dedicada ao trabalho e à conquista
de seus sonhos, ele se via encurralado...

À Beira Mar	211
-------------------	-----

Em meio ao calor do final do verão em Bauru, um grupo
de amigos se reúne em um bar para conversar...

O Que Não Tem Remédio	217
-----------------------------	-----

Seu trabalho frutificou, cada gota de suor vertida na
terra da Verneck se transformou em frutos maduros.

Criando Raízes.....	221
---------------------	-----

O campo e seus mistérios me prendiam como raízes
invisíveis que eu havia criado ali eram...

O Coração Começa A Falhar	231
---------------------------------	-----

...era uma moça morena, de cabelos anelados a cair pelos
ombros, que esvoaçavam ao vento no galope do cavalo.

A Imagem	251
----------------	-----

Cada palmo do chão percorrido, cada colina, cada árvore ou
pássaro exótico, tornava-se íntimo dos meus sentimentos.

Reprodução da orelha do livro de 1994.....	255
--	-----

Reprodução da contracapa de 1994	256
--	-----

O Passado No Passado

“Sou o coronel Arnaldo Garcia, senhor de quarenta mil alqueires que se estendem de Presidente Prudente a Lins! Minhas terras são ricas em gado e pasto, e hei de garantir o futuro de cada filho e neto!”

Assim era a apresentação do velho coronel por onde passava: orgulhoso de suas conquistas, olhava todos de cima, escondendo-se por trás das longas barbas que lhe caíam até o peito, ocultando a gravata e os primeiros botões do colete.

Sua filha Rose lhe dera os primeiros netos, Júlio e Nádia Cristtina, em quem ele via a continuidade de seu legado. Desde pequenos, ele os levava na sela de seu cavalo, passeando por toda a fazenda Val Paraíso.

As crianças cresceram sob o olhar vigilante do avô, tratadas como parte de uma família quase real, especialmente porque o pai, Rui, ficara viúvo muito cedo. Apaixonado pelos netos, o coronel fez questão de que morassem com ele no grande sobrado de madeira, a sede da

fazenda. Enquanto o pai trabalhava nas terras nas margens do rio Paraná e se preparava para um segundo casamento, Júlio e Nádia viviam sob a sombra amorosa do avô, que atendia a todas as suas vontades. Donos de terras e gado, eles mal deixavam as chupetas quando já aprendiam o que significava riqueza.

A fazenda Val Paraíso, coração dos negócios do coronel, estendia-se entre Lins e Balbinos, em Santo Antônio da Estiva. Ali, o domínio era absoluto e as oportunidades jamais escapavam de suas mãos. Quando surgia uma chance de negócio, ele se antecipava, garantindo sempre o lugar de único comprador. Nunca vendera um palmo de terra, mas acumulava mais e mais, prevenindo-se contra tempos incertos. Sonhava construir uma estrada que ligasse Santo Antônio da Estiva a Presidente Prudente.

Júlio, já crescido, dividia-se entre o Paraná, onde aprendia com o pai a lidar com o gado, e a fazenda Val Paraíso, onde desfrutava da companhia do avô. Aos dezesseis anos, partiu de vez para o Paraná, tornando-se o braço direito do pai, que agora vivia em um lar novamente cheio de crianças.

Nádia permaneceu em Val Paraíso. Não apenas o avô, mas todos ao seu redor, a tinham em grande estima. Desde pequena, demonstrava atenção e carinho por quem quer que se aproximasse — fosse para conversar, desabafar, ou apenas desejar bom dia. Sua generosidade encantava, e a beleza que irradiava ia além das aparências.

Aos quinze anos, destacava-se pela altura e pelos longos cabelos negros que emolduravam seu rosto iluminado por um sorriso constante, reflexo de sua gentileza natural. Sua pele morena-jambo lembrava a das mulheres indígenas, especialmente porque cavalgava por toda a fazenda, parando para conversar com quem cruzasse seu caminho. Ela se tornara próxima das pessoas negras que trabalhavam na fazenda, ouvindo suas histórias sobre os tempos de escravidão. Sua curiosi-

dade nascia de um coração compassivo, sempre tocado pelos relatos de sofrimento e resistência.

Certo dia, Nádia fez um pedido ao avô: queria visitar o casarão antigo em terras próximas de Álvares Machado, onde ainda restavam vestígios dos instrumentos de tortura.

— Vovô, me leve ao casarão do Barro Branco. Quero entender o que aconteceu com as pessoas negras naquele tempo.

O coronel hesitou, preocupado com a neta:

— Não sei se é bom mexer em memórias tão dolorosas. Você é sensível, pode se impressionar.

— Mas, vovô, o que havia de tão terrível?

— Eram tempos de grande sofrimento. Meu avô, fundador da vila, tinha muitos escravizados. As pessoas eram forçadas a trabalhar sem descanso, tratadas com brutalidade. Foram anos difíceis, que não desejo para ninguém.

— Mesmo assim, eu quero ver. Acho que preciso entender o que aconteceu.

O coronel suspirou, rendendo-se ao carinho determinado da neta, cuja persistência sempre o desarmava

— Está bem, minha querida. Com você, sei que não adianta dizer não.

Nádia sorriu e beijou o avô. Naquela noite, a expectativa da viagem encheu seus sonhos de imagens confusas, uma mistura de realidade e fantasia.

Ao amanhecer, partiram. Justina, a cozinheira, preparou uma refeição simples, enquanto Nádía e o avô selavam os cavalos, prontos para explorar as memórias ocultas do casarão antigo. A paisagem mudava à medida que avançavam. O coronel, geralmente silencioso pela manhã, observava os arredores, imerso em seus pensamentos.

Subiram até Lins, virando para o sudeste, em direção a Tupã, troteando agora pelo pasto cheio de arbustos que, à medida que desciam em direção ao Rio Aguapeí, tornavam-se mais densos até formarem um cerrado. As trilhas abertas pelo constante movimento do gado os guiavam pelo caminho.

Foi quando o coronel quebrou o silêncio:

— Nádía, preste atenção no caminho. Ontem, durante a contagem, notei que algumas cabeças de gado estavam faltando, e podem estar por estes lados da Cachoeirinha.

—Vovô, às vezes fico impressionada em ver como pode lembrar-se de cada uma de suas reses, conhecê-las todas, uma por uma!

— Há muito tempo que crio gado, minha neta. A gente se acostuma. É como conhecer várias pessoas.

Os animais seguiam numa toada batida, enquanto os cavaleiros se desviavam de galhos e cipós de espinhos que ameaçavam arranhar-lhes os rostos. O solo ia se tornando cada vez mais arenoso, à medida que se aproximavam do rio.

Na hora do almoço, deram com uma nascente de águas cristalinas. O olho d'água brotava de uma parede de pedras, sob a sombra de várias quaresmeiras brancas, e formava, ao pé da laje, um tanque natural que deixava ver os grãos de areia no fundo, em constante movimento.

– Paremos aqui, minha neta – disse o coronel, puxando as rédeas do animal e desmontando. – Não poderíamos achar melhor lugar para forrar o estômago, à sombra, e regado com uma água tão fresca e limpa!

Ajudou Nádía a apear e prendeu os cavalos a alguns galhos mais baixos, afrouxando as barrigueiras e desprendendo das selas o bernal de mantimentos. Ela estendeu uma grossa toalha de algodão sobre a grama verde, à sombra de um angico, onde se sentaram depois de se refrescarem nas águas geladas da nascente. Encheram as canecas de prata e destaparam os pequenos caldeirões, de onde o aroma da comida bem temperada veio aguçá-lhes o apetite. Após a refeição, estiraram-se sobre a toalha, a contemplar o azul do céu sem nuvens, enquanto faziam o quilo.

– Vovô – disse Nádía, com os olhos fitos no céu – Justina me contou uma história outro dia, sobre seu avô, um homem escravizado que fugiu da fazenda de seu senhor, lá em Goiás. O senhor já ouviu?

– Não, ela nunca me contou essa história, deve ter contado só a você. Como foi?

Nádía levantou-se e, após tomar um gole de água fresca, começou a contar a história tal como ouvira de Justina:

— Era assim, vovô: Bernardo era escravizado por um certo coronel Matias, numa fazenda no interior de Goiás. Ele cuidava de uma tropa de éguas, atuando como cocheiro e tratador. O coronel era um homem cruel, que se divertia maltratando as pessoas negras, ordenando chicotadas por qualquer falha, por menor que fosse. O medo era um companheiro constante para todos ali. Bernardo, um homem forte, temia não só por si, mas pela esposa e pelos dois filhos pequenos, receando que Matias, em um acesso de fúria, lhes tirasse a vida.

O coronel carregava no olhar a dureza do sol que cortava os campos e nas mãos a frieza de quem nunca hesitava em subjugar. Em suas terras, o eco dos chicotes e os gritos sufocados pelos ventos eram rotina. Ele dominava cada método, cada olhar ameaçador, cada palavra que transformava o medo em ferramenta e a dor na medida de obediência.

Mas Bernardo não tremia mais. Os anos de opressão, a fome, a humilhação — tudo aquilo que antes o quebrava agora o fortalecia. Seus olhos já não desviavam; encontravam os de Matias, desafiadores. Sabia que a dor não se curvava à dor; ela se transformava, e o medo não o comandava mais. Algo havia mudado em Bernardo — uma semente de coragem, germinada no próprio solo da resistência, crescia silenciosa, mas inabalável.

O coronel Matias o notava, mas se negava a acreditar que um de seus homens escravizados pudesse desafiar a lógica implacável da servidão. Tentava intimidá-lo, como se isso ainda fizesse diferença. O olhar de Bernardo, porém, era o prenúncio de um ciclo que estava prestes a se romper.

Certo dia, uma das éguas de estimação do coronel assustou-se com o repentino bater de asas de uma codorna e, ao disparar desgovernada, caiu em uma vala, perdendo o potro de oito meses. O coronel, atribuindo o incidente a um descuido de Bernardo, ordenou que o homem fosse castigado até perder os sentidos. Quando Bernardo finalmente recobrou a consciência, preso a um poste, com os pulsos e tornozelos sangrando pelos grilhões, decidiu que era hora de fugir daquele inferno. Levaria consigo a mulher e as crianças, buscando a liberdade em algum lugar distante.

Ao cair da noite, dois capatazes arrastaram-no, ainda acorrentado, até a cabana de barro onde ele e sua família moravam. Atiraram-

-no ao chão, perto do fogo, sob o teto de palha que ameaçava desabar. O barulho acordou as crianças e assustou ainda mais a esposa, que já aguardava ansiosa pelo retorno do marido.

— Joana — disse ele, com a voz cansada. — Amanhã fingirei estar pior do que estou. Eles vão me deixar aqui o dia inteiro e, à noite, fugiremos para bem longe deste lugar para sempre.

Joana, com os olhos marejados e tristeza profunda, assentiu ao marido.

— Amanhã cedo — continuou, Bernardo arfante —, vá até a Casa Grande e trabalhe como se nada tivesse acontecido. Depois, quando escurecer, tente trazer algo que nos ajude a cortar essas correntes.

A manhã seguinte era uma sexta-feira 13. O coronel, supersticioso, não saiu da Casa Grande. Joana não teve dificuldade em esgueirar-se até o barracão onde as ferramentas eram guardadas. Escondeu um martelo e um formão sob as vestes e voltou para a Casa Grande, aguardando a noite.

Assim que anoiteceu, ela rumou para a cabana após concluir o serviço. Encontrou Bernardo descansando sobre a esteira, e as crianças jantavam farinha com melado. Com um toque suave, despertou o marido, entregando-lhe as ferramentas para que ele pudesse se libertar, enquanto ela preparava os mantimentos para a fuga.

Não poderiam carregar muitas coisas, pois teriam que levar as crianças também, se quisessem andar ligeiros. Apenas uma cabaça com água, um saco pequeno com farinha e um pote de melado.

Bernardo trabalhava, abafando o som das pancadas do martelo com um cobertor dobrado, segurando firme o cabo da talha-deira. Quando enfim saiu, caminhou até a porta da choupana, entreabrindo-a para espiar o lado de fora. A lua cheia clareava o terreiro, e, de onde estava, podia ver a Casa Grande, branca à luz do luar, o terreiro, o portão do pomar, a casa do feitor e os currais. Tudo no mais absoluto silêncio. Apenas o canto dos curiangos, o trilar dos grilos, e o coaxar dos sapos no brejo próximo.

Voltando-se, fez um sinal com o dedo nos lábios para que ninguém fizesse ruído e, pegando o menino mais velho no pescoço, saiu porta afora, dando a volta pelo fundo do casebre, seguido pela mulher, que carregava a menina mais nova. Atravessaram a cerca de arame farpado e caminharam a passos largos, porém silenciosos, em direção a um campo de mato próximo, onde parariam e decidiriam qual rumo tomar.

Um cachorro latiu, e o coração de Joana gelou no peito. Olhou para trás, apavorada, mas tranquilizou-se ao constatar que nada havia de anormal. Bernardo caminhava na frente e parecia não ter ouvido nada.

No campo, fizeram uma pequena pausa para respirar e decidir qual rumo tomar na fuga.

Na fazenda, o dia amanheceu calmo, todos em seus afazeres, sem que ninguém notasse qualquer coisa fora da rotina.

Bernardo, julgavam-no ainda doente, em repouso dentro de casa, e a falta de Joana só foi notada na hora do almoço, quando ela não apareceu na cozinha. A senhora mandou uma serva até a choupana ver o que se passava, e esta retornou dizendo que não encontrara ninguém.

O coronel, quando soube do ocorrido, ficou possesso e desatou a esbravejar, amaldiçoando tudo e todos, e dando ordens, entre inúmeras imprecações, para que selassem os cavalos e preparassem os cães, pois saíam a caçar o fugitivo. Puseram-se a caminho, atrás da matilha que ladrava em grande confusão: o coronel, o feitor e mais seis homens, todos armados de espingardas e trazendo, na retaguarda, um cargueiro.

Não voltariam de mãos abanando. Os cavalos e os cães eram muito mais rápidos e, apesar da vantagem que tinham à frente, os fugitivos seriam alcançados em breve.

Depois de caminhar durante toda a noite e mais da metade do dia, parando apenas para beber água e comer um pouco, o cansaço já começava a abater os andarilhos, que continuavam a marcha, porém, estimulados pelo medo e com esperanças de serem, enfim, livres. Bernardo havia decidido não interromper a caminhada durante a noite, salvo por extrema necessidade.

Ao anoitecer do terceiro dia, chegaram às margens de um rio desconhecido, de águas turbulentas, cheias de quedas e corredeiras. Decidiram, então, esperar o amanhecer para procurar um trecho onde a travessia fosse mais fácil e menos arriscada. Acomodaram-se sobre as folhas secas do chão e dormiram, embalados pelo som das águas da correnteza.

Já na madrugada, um grito agudo despertou Joana. Ela ergueu-se, apoiando-se nas mãos, e percebeu o silêncio da mata, quebrado apenas pelo som das águas. Ouviu ruídos. Reconheceu-os. Os perseguidores estavam próximos, e os cães denunciavam sua presença.

Despertou Bernardo e as crianças.

— Bernardo, acho que o coronel está se aproximando! Ouvi latidos de cães ainda há pouco!

Enquanto ela falava, o som se repetiu, e todos ouviram.

— Joana, vamos! Não podemos perder tempo.

Deixou a mulher arrumar as crianças e foi até a margem acima, para procurar um ponto onde pudessem atravessar o rio sem riscos. Retornou dali a instantes, desanimado.

— Não consegui encontrar nenhum ponto raso. Teremos que atravessar aqui mesmo, procurando uma trilha pelas pedras.

Bernardo colocou o menino nos ombros, enquanto Joana prendia a menina ao peito com o xale entrelaçado, para poder ter as mãos livres.

E entraram no rio. A correnteza parecia furiosa, e as corredeiras espumantes erguiam-se como serpentes gigantescas, enroscando-se nas pedras escorregadias. Ainda próximos à margem de onde saíram, caminhavam às apalpadelas, com a água já acima dos joelhos.

Bernardo seguia à frente, tentando encontrar pontos de apoio, enquanto o luar produzia reflexos de prata nas águas escuras. Um passo, depois outro, com a mão firme na da mulher, e ele, de repente, pisou num banco de pedras soltas, perdendo o equilíbrio e lançando longe o garoto que, com um grito de desespero, desapareceu, tragado pela correnteza.

Atrás dele, num ímpeto, o pobre pai se jogou nas águas do rio, na ânsia de alcançá-lo, sendo também engolido pelo turbilhão de espuma.

Joana, paralisada demais para gritar, observava com os olhos arregalados enquanto pai e filho eram arrastados pela correnteza, atirados contra as pedras do fundo do rio. A mulher, impotente, permaneceu ali, apertando sua filha contra o peito, por um tempo que lhe pareceu uma eternidade. Entre choro e soluços, sobravam alguns segundos para uma prece ao seu amado e seu filho.

Seus olhos tentavam alcançar o marido e o filho; seu coração não descuidava da filha, enquanto o choro e a prece mantinham-se em vigília na busca vã pelos dois.

O alarido dos cães de caça, já se aproximando perigosamente das margens onde haviam iniciado a travessia, arrancou-a do transe, e todos os seus instintos a impeliram para frente.

Erguendo as saias que a correnteza tentava arrastar e prendendo-as à cintura com as mãos trêmulas, murmurou mais uma vez sua prece desesperada, clamando aos deuses e santos. Tentou um primeiro passo, incerto, desequilibrado, sabendo que o menor desliz lhe seria fatal. Mais um passo e desceu um degrau, que elevou ao nível das águas, envolvendo a criança, presa ao xale à altura do peito.

Agora, o simples fato de permanecer de pé exigia esforço triplicado, com as pedras irregulares do fundo a torcer-lhe os tornozelos a cada passo titubeante. As lágrimas banhavam-lhe o rosto, enquanto a menina chorava de medo e de frio. Não sabia por quanto tempo ainda aguentaria aquele esforço sobre-humano.

Os cães finalmente encontraram o local onde as folhas amassadas denunciavam o repouso dos fugitivos. Corriam em todas as direções, desorientados, sob os gritos dos homens que davam ordens e praguejavam.

O coronel blasfemava, antevendo o fracasso da empreitada, tomado por um ódio insano.

Por fim, encontraram uma pista que subia pela margem até algum ponto rio acima. Bernardo havia passado por ali, ao procurar uma passagem para a travessia, e era nessa trilha que a matilha se empenhava agora.

Joana ainda lutava contra a fúria das águas, mas sentia suas forças se esvaírem, como se a correnteza as fosse sugando aos poucos. Vacilou por uma fração de segundo, o suficiente para que a corredeira, num golpe súbito, a tragasse de vez. Sentiu uma pancada forte na têmpora e tudo se apagou.

O dia já despertava, com um clarão rosado surgindo por detrás da serra, realçando-lhe os contornos.

À margem, os caçadores que haviam seguido a pista de Bernardo rio acima retornaram.

- Maldição! – vociferou o coronel. – Aqueles desgraçados devem ter atravessado o rio!
- Impossível, senhor! Ninguém conseguiria vencer essa corredeira, mesmo sendo o negro Bernardo! E ainda por cima, com uma mulher e duas crianças!
- Talvez tenham morrido afogados! Que o levem os leões e o Diabo! Vamos embora!

Um dos homens fez soar uma buzina, reunindo os cães. Todos içaram-se aos lombos de suas montarias e principiaram a viagem de volta.

Algumas centenas de metros abaixo, a corrente descrevia uma curva, indo morrer numa praia de areias muito brancas, após um remanso. Ali, estendidas, metade ainda dentro d'água, mãe e filha jaziam inconscientes.

O sol estava a pino quando Joana ouviu a voz de sua criança chorando. Abriu os olhos, sentindo uma dor aguda no lado da cabeça. Com muito esforço, começou a distinguir as imagens, ainda turvas. Ergueu o corpo, apoiando-se num cotovelo, e acariciou, com a outra mão, o pequeno rosto banhado em lágrimas, que se acalmou com o toque.

Tentou mover-se e constatou que nada havia quebrado; apenas o ferimento inchado na cabeça, com uma linha de sangue seco descendo pela face até o pescoço.

Abraçou-se à menina e permaneceu assim, em silêncio, até que a névoa da confusão se dissipasse e os pensamentos encontrassem uma ordem. As lembranças trouxeram-lhe os acontecimentos da noite passada, e ela sufocou um soluço na garganta.

Agora, sem notícias do marido e do filho, deram-se conta: estavam sós! Joana desistiu de procurar por eles. Restava-lhe apenas uma escolha: tentar seguir adiante com a pequena filha e o mundo incerto à frente.

Sentia em si uma coragem inesperada, uma vontade quase inumana que tomava conta de todo o seu ser. Levantando-se ainda cambaleante, segurou a mão da filha e disse: — Vamos, querida, temos muito que andar ainda!

Caía a tarde quando ela avistou, ao longe, uma fumaça esbranquiçada, como se brotasse do coração do cerrado. Estava, talvez, a umas duas horas de caminhada do ponto onde se encontrava.

Com a menina às costas, Joana seguiu em direção à fumaça que dançava no horizonte, uma promessa de alívio em meio à vastidão do cerrado.

O céu, agora escuro, servia de palco para uma luz amarelada que surgia além de um rego d'água. Cada passo era carregado de esperança e exaustão, mas ela não desistia. Dois cães latiam incessantemente, denunciando sua presença.

Uma porta se abriu, e uma figura feminina surgiu à soleira. — Quem está aí? — indagou uma voz com um forte sotaque italiano.

Joana conheceu, assim, sua salvadora, bem como o lugar onde passaria o resto de seus dias.

Foi assim que a avó de Justina se salvou da perseguição do perverso coronel Matias, morando o resto da vida com uma família de de migrantes italianos em Goiás.

Nádia concluiu a narrativa da história de Justina, esperando que o avô comentasse algo. Já haviam retomado a cavalgada após o almoço e um breve descanso.

O coronel ouvira atentamente, sem interromper, como se as palavras da neta trouxessem de volta antigas lembranças. Continuou em silêncio por algum tempo, o rosto sério, perdido na paisagem que se descortinava à frente do cavalo. Por fim, falou:

— Suas palavras me emocionaram, Nádia. Lembraram-me de histórias da nossa própria família. Felizmente, tudo isso pertence ao passado, um passado que já não pode ser mudado.

Nádia permaneceu pensativa, mas logo tentou mudar o assunto para distraí-los. Falou de coisas leves, perguntou sobre as plantas que viam pelo caminho e apontou os pássaros que voavam à sua volta.

O coronel também pareceu afastar os pensamentos mais sombrios e, juntos, trocaram palavras leves sobre temas triviais enquanto seguiam a cavalo.

Chegaram, enfim, à frente deles; o grande casarão erguia-se imponente, cercado por um bosque de ipês que balançavam ao vento, como sentinelas, guardando a entrada. Construído no declive de uma colina, os cômodos posteriores elevavam-se a dois metros do chão, abrigando um vasto porão por baixo.

O curral ao lado, amplo e imponente, testemunhava as incontáveis cabeças de gado que por ali passaram ao longo dos anos. Nádia observava tudo com uma admiração natural, encantada pelo contraste entre o majestoso casarão e as humildes moradias daquela região. A construção impunha-se tão grandiosa quanto o sobrado de madeira da fazenda Val Paraíso, onde Nádia habitava.

— Enfim, chegamos, Nádia. Vamos deixar os cavalos protegidos do sereno, sob a cobertura do curral. Eles poderão beber e descansar para a viagem de volta. Deve haver um pouco de milho no cocho — disse o coronel, com um ar de satisfação.

Ao se aproximarem do cercado, um rapaz veio prontamente ajudá-los a descer dos cavalos. O coronel passou-lhe instruções sobre os cuidados com os animais e, em seguida, tomou Nádia pelo braço, conduzindo-a para a casa. À porta, um homem grisalho os saudou, retirando o chapéu com respeito.

— Boa tarde, Sr. Coronel.

— Boa tarde, Pereira, como vão as coisas?

— Vamos levando, graças a Deus, senhor!

— Esta é minha neta, Nádía Cristtina. Veio conhecer a fazenda.

— Boa tarde, Dona Nádía Cristtina — respondeu Pereira, acenando com um sorriso tímido.

Pereira os levou para dentro do casarão. O coronel sentou-se, cruzando as pernas e iniciando uma longa conversa com o empregado sobre os rumos da fazenda. Depois, virou-se para Nádía, que havia se acomodado numa cadeira de braços ao seu lado.

— Foi nesta casa que nasci, minha neta, no ano de 1864. Meu pai dizia que foi um ano de fartura, com muita chuva e sem pragas no gado.

Após a conversa, Pereira convidou-os para a mesa, onde um bule de café fumegante estava ao lado de uma assadeira de bolo de fubá. Terminado o lanche, o coronel sugeriu um passeio pelo pomar. Saíram pela porta da cozinha, descendo uma escada de pedra que levava a um caminho entre as árvores.

Ali, sob a sombra de jabuticabeiras carregadas de flores, avô e neta sentaram-se em um banco de bálsamo para apreciar a brisa suave que soprava, balançando as folhas dos ipês ao redor.

— Sempre que venho aqui, me perco nas lembranças do passado — confessou o coronel, a voz cheia de nostalgia. — Lembro-me de quando era criança e brincava por aqui, enquanto os trabalhadores lidavam com o gado e o campo.

— Quando me contou aquela história dos avós de Justina, pensei nos sofrimentos dos negros na época da escravidão — disse Nádía, com

os olhos baixos. — Às vezes, fico imaginando como eles aguentaram tantas dificuldades.

— Muitas vezes, eu também pensava nisso, mesmo quando era jovem. À noite, acordava ouvindo os gemidos que vinham do porão. Eram tempos de muito sofrimento, minha neta. Eu não conseguia entender aquilo, mas era a vida que se levava. Por isso, saí daqui assim que pude. Queria esquecer esse passado de dor.

Nádia sentiu uma lágrima deslizar por seu rosto. Culpava-se por ter insistido tanto naquele passeio, por ter despertado memórias tão dolorosas para o avô. O coronel, percebendo a tristeza da neta, levantou-se, dizendo que ainda precisava conferir algumas coisas antes de partirem. Deixou-a ali, mergulhada em seus pensamentos.

Ela ficou sentada por um tempo, tentando absorver as palavras do avô. Depois, levantou-se e caminhou lentamente em direção ao casarão, com os olhos presos nas folhas secas que cobriam o chão do pomar. Ao chegar ao pé da escada, decidiu explorar o grande porão. Empurrou a pesada porta de madeira, permitindo que a luz adentrasse e dissipasse um pouco da penumbra. Entrou no porão, dirigiu-se a uma pequena janela e, com esforço, soltou o trinco de ferro emperrado, abrindo-a com um rangido que ecoou pelo ambiente. A luz que entrou clareou o espaço, revelando o que antes estava oculto nas sombras.

No coração do porão, pilares de pedra emergiam como sentinelas silenciosas, suas correntes e grilhetas ainda testemunhando um passado de dor e opressão. A luz que entrava pela janela revelava marcas escuras no chão, vestígios de uma história que parecia sussurrar pelos cantos.

Perto deles, um fogareiro de carvão guardava ferros de marcar; mais adiante, estruturas de madeira com argolas e correntes enroladas em grandes carretéis de ferro. O chão estava marcado por manchas

escuras, que ela imaginou serem de sangue, vestígios de um tempo de dor e violência.

Sentindo o peso daquela visão, Nádia sentou-se em um tamborete de madeira num canto do porão. Respirou fundo, tentando conter as náuseas que subiam pelo estômago, e a cabeça girava, turvando-lhe a visão, como se estivesse suspensa entre a realidade e um sonho. Tudo ao seu redor escureceu, e ela se sentiu transportada para outro tempo, um lugar distante, onde os sons de gemidos e o choro de crianças ecoavam nas paredes frias.

Ela tentou correr, mas seus pés pareciam pesados. Empurrou uma porta alta e pesada, saindo como se atravessasse um véu entre mundos. Lá fora, a chuva caía intensamente. Ao longe, ela avistou um grupo de cavaleiros perseguindo um homem negro, alto, que corria desesperadamente, tentando escapar dos chicotes que o atingiam de todos os lados. Um tiro ecoou, e ele caiu, a perna ferida, sangrando no chão lamacento.

No meio dessa visão angustiante, Nádia ouviu uma voz chamando-a insistentemente. Ela se virou, mas foi cegada por uma luz intensa que a envolveu, tornando impossível ver o rosto de quem a chamava.

— Nádia! Nádia Cristtina! — a voz ecoava em sua mente.

Ela abriu os olhos, sentindo-se sendo carregada por braços fortes.

— Nádia Cristtina, você está bem? — era a voz preocupada de seu avô.

O coronel, ao procurar a neta e não encontrá-la no pomar, subira pelo caminho que levava ao terreiro dos fundos da casa e viu a porta do porão aberta. Ao entrar, encontrou Nádia caída aos pés do tamborete, desacordada, e a levou para fora, temendo que tivesse se ferido.

Ela voltou a si, ainda desorientada, piscando contra a luz do dia que inundava a entrada do porão. A cabeça doía, e ela tentava entender o que havia acontecido.

— O que houve, minha neta? — perguntou o coronel, o rosto marcado por uma preocupação que raramente deixava transparecer.

— Não sei, vovô. Eu estava observando aquelas coisas antigas no porão, e de repente senti uma tontura. Acho que apaguei — respondeu Nádia, com a voz ainda fraca.

— Deve ter sido o ar empoeirado daquele lugar — disse ele, tentando disfarçar o próprio desconforto. — Acha que consegue montar para irmos embora?

— Sim, estou melhor agora — disse ela, fazendo um esforço para sorrir.

O coronel mandou que trouxessem os cavalos e ajudou-a a montar. Despediu-se de Pereira e de sua família, e logo seguiram de volta pelo mesmo caminho, em direção ao cerrado, antes que a noite caísse.

— Vovô, eu queria pedir desculpas por ter insistido tanto para ver o casarão — disse Nádia, enquanto cavalgavam lado a lado. — Acho que não devia ter mexido nessas memórias.

— Não se preocupe, minha querida. Talvez tenha sido bom que você visse. Precisamos saber de onde viemos, para não repetirmos os erros do passado — respondeu ele, com um olhar distante.

Eles apertaram o passo, esperando atravessar o rio antes que o céu escurecesse por completo. O som dos cascos dos cavalos ecoava pelo caminho de volta, enquanto o vento frio da noite começava a soprar, trazendo com ele os ecos de um passado que ainda pairava, invisível, sobre aquelas terras.

Criança Minha, Que Saudade!

Penso em você a cada instante em que o tempo me permite parar e pensar. Mesmo quando não posso, eu paro e penso. Você apareceu sem intenção e, intencionalmente, ficou...

“**V**estido de noiva”: assim chamavam um capão de mato que ficava a meio caminho para a cidade. O povo da vila contava uma história sobre uma cabocla que morava à beira do mato, próximo à ponte sobre o riacho de águas cristalinas, cruzando o caminho para a cidade.

Gaetana, uma jovem vibrante e cheia de sonhos, vivia com o pai em uma humilde casinha de pau-a-pique, cercada pela simplicidade do campo. Apaixonou-se por um boiadeiro que ali passou certo dia, e, após um breve namoro, ele prometeu casar-se com ela assim que retornasse de uma empreitada. Ele partiu, deixando-a cheia de esperanças. Porém, daquela empreitada, jamais voltou.